

# MUDANÇAS NAS PREFERÊNCIAS RELIGIOSAS NO BRASIL COTEMPORÂNEO

Ralfo Matos<sup>1</sup>  
Carlos Fernando Ferreira Lobo<sup>2</sup>  
Ricardo Alexandrino Garcia<sup>3</sup>

**Resumo:** o principal objetivo deste artigo foi analisar a magnitude dos ganhos e perdas das principais religiões entre 2000 e 2010, segundo as informações dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. Com base na quantificação e mapeamento desses dados, foi possível observar que, a despeito da redução de predominância católica entre 2000 e 2010 (de 5.302 municípios em 2000 para 4.958 casos em 2010), são principalmente as localidades situadas no grande interior do país, notadamente na região Nordeste, as que mantêm a força do catolicismo no Brasil. A predominância dos católicos é difusa espacialmente, embora os evangélicos já sejam mais numerosos em áreas estratégicas do Brasil meridional, a maioria delas com características urbanas. Por fim, conclui-se que há em curso uma crescente relevância dos evangélicos, a despeito da disparidade de tamanho em relação aos que se dizem católicos. Essa disparidade pode ser pouco consistente, contudo, porque entre os evangélicos os praticantes são muito mais fervorosos do que os praticantes do catolicismo.

**Palavras-chave:** Distribuição espacial. Migração interna. Migração de retorno.

## 1 - Laicização, ópio do povo e Brasil

No século XIX vários autores consagrados da sociologia então nascente se preocupavam com a laicização de um mundo que emergia com a multiplicação dos estados nacionais. Contudo, Marx, ainda na metade do Oitocentos, pontificou a famosa frase de que a religião era o ópio do povo (na Crítica a Filosofia do Direito de Hegel).

“o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o sentimento de si do homem, que ou não se encontrou ainda ou voltou a se perder. Mas o Homem não é um ser abstrato, acororado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Este Estado e esta sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a teoria geral deste mundo, o seu resumo enciclopédico, a sua lógica em forma popular [...] A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do

---

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais

<sup>3</sup> Professor Associado do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

povo [grifo nosso]. A abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião é, pois, o germe da crítica do vale de lágrimas, do qual a religião é a auréola.” Cf. Marx, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2005, pp. 146-7.

No Brasil contemporâneo, o jornal Folha de S.Paulo (27/01/13), baseado em dados da Receita Federal, alardeava que as igrejas e templos religiosos, em um processo de expansão de suas receitas, arrecadaram R\$ 20,6 bilhões em 2011, o que equivalia a 90% do valor do Programa Bolsa Família. Desse total, os dízimos respondiam por menos de um terço das doações. A região Nordeste é a que tem mais contribuído para a expansão dessa arrecadação, quase três vezes superior a média nacional.<sup>4</sup> Esse quadro indica que a religião católica é a que tem mais perdido contribuições nos últimos anos, algo que é apontado por alguns especialistas como uma verdadeira transição religiosa no Brasil (ALVES et al., 2017).

De outra parte, aumenta também o número de não religiosos. Demograficamente, com o significativo declínio das taxas de fecundidade, o crescimento da população infanto-juvenil tanto explica o aumento de religiosos quanto de não religiosos. Entre os não fiéis, há os que creem em Deus, mas apreciam o conforto material e certas vantagens do individualismo laico, os crentes fervorosos e radicais, da mesma forma que existem pessoas que ignoram completamente as religiões. Em algumas regiões a religiosidade é mais tradicional e renitente. Em outras, ela é mais diversificada e variada. Nas áreas rurais o respeito aos religiosos costuma ser maior que nas áreas urbanas. Essas diferenças têm aumentados no início do século XXI? A premissa da expansão da racionalidade econômica pode estar alterando as opções religiosas da população? O Brasil mundialmente conhecido por seu caráter multiétnico e multirreligioso começa a ser submetido a disputas inter-religiosas?

As notas que se seguem procuram examinar parte dessas questões à luz de dados censitários recentes e tendo em vista algumas das grandes questões que o crescimento das igrejas incorpora. Se a igreja é um grande negócio, conviria, observar se o aumento de sua arrecadação guarda associação com o aumento dos fiéis em regiões e espaços geográficos onde a pobreza é endêmica. Afinal, o aumento de suas rendas soaria mais justo se fosse derivado de doações das camadas mais ricas da população. De outro lado, caberia

---

<sup>4</sup> Os ganhos exorbitantes de algumas dessas igrejas causam indignação em face da ostentação de riqueza de vários clérigos, da acumulação de poder político e econômico, em meio a uma baixa “contrapartida” de atenção aos pobres, função que tradicionalmente se espera das igrejas.

contrapor tendências mais gerais com a relatividade dos números referidos aos adeptos da igreja católica, ainda amplamente dominante, e aos não religiosos.

Pretende-se aferir melhor como vem se dando o aumento e/ou diminuição da religiosidade declarada pela população tendo em conta a distribuição regional e a situação domiciliar.

Para tanto, três perguntas orientam as análises subsequentes: a) Qual é a magnitude dos números de ganhos e perdas das religiões instaladas no Brasil entre 2000 e 2010; b) a expansão das igrejas e templos se faz com base nas áreas mais pobres (o que pode se associar à ideia de entorpecimento dos pobres, na linha do “ópio do povo” de Marx); c) a expansão concomitante dos não religiosos sugere um incremento da laicização em determinados espaços do Brasil atual? Adicionalmente pode-se inquirir: onde foi maior a perda da igreja católica coincide com os maiores ganhos de não católicos? Se reunidos os evangélicos, qual a evolução do estoque? Crescem mais que os “não religiosos”? Onde os números absolutos são mais notáveis? Nas periferias urbanas? Nas áreas rurais?

## **2 - Distribuição regional das preferências religiosas no Brasil recente**

Apostólica Romana, os evangélicos pentecostais evoluíram de 17,6 para 25,4 milhões no mesmo período e os evangélicos não pentecostais mais que dobraram o número de adeptos (de cerca de sete milhões para 16 milhões).

Conforme mostram em anexo a Tabela 1 e sua correlata a Tabela 2 (resultante da subtração dos números da Tabela 1), Outras Religiões Cristãs ampliaram seus seguidores, indicando que o cristianismo é de longe a matriz da religiosidade da maioria dos brasileiros. De outra parte, os espíritas (boa parte deles afinados com formas próprias de cristianismo) também ganharam mais de um milhão de novos adeptos no período, enquanto os “não religiosos” também tenham se expandido significativamente (de 13,2 para 16,2 milhões em 2010).

Tabela 1 - População residente no Brasil e regiões segundo situação domiciliar e status religioso da pessoa em 2000 e 2010

Status Religioso da Pessoa	Ano e Taxa de Crescimento Geométrica Anual	Brasil		Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
		Situação Domiciliar		Situação Domiciliar		Situação Domiciliar		Situação Domiciliar		Situação Domiciliar		Situação Domiciliar	
		Total	Urbano	Total	Urbano	Total	Urbano	Total	Urbano	Total	Urbano	Total	Urbano
Católica Apostólica Romana	2000	126.092.995	99.460.065	9.350.417	6.471.950	38.433.932	25.402.901	50.569.850	45.052.249	19.588.681	15.589.185	8.150.115	6.943.779
	2010	122.698.314	101.783.065	9.794.687	7.061.983	38.227.933	26.825.582	47.692.079	44.306.195	19.165.974	16.149.691	8.312.112	7.439.614
	TCGA 2000/2010	-0,27	0,23	0,47	0,88	-0,05	0,55	-0,58	-0,17	-0,22	0,35	0,20	0,69
Evangélicas Pentecostais	2000	17.639.610	15.275.852	1.853.988	1.295.772	3.291.258	2.602.916	8.740.065	8.091.418	2.195.983	1.904.961	1.558.315	1.380.785
	2010	25.368.756	22.369.641	3.187.049	2.411.093	5.347.427	4.324.090	11.508.414	10.870.692	2.986.195	2.667.181	2.339.671	2.096.586
	TCGA 2000/2010	3,70	3,89	5,57	6,41	4,97	5,21	2,79	3,00	3,12	3,42	4,15	4,27
Evangélicas Não Pentecostais	2000	6.981.231	6.046.564	559.484	414.434	1.387.136	1.228.971	3.116.577	2.882.569	1.429.345	1.067.881	488.689	452.709
	2010	15.967.484	14.567.576	1.224.015	994.290	3.192.885	2.856.851	7.790.106	7.420.709	2.419.887	2.038.237	1.340.592	1.257.489
	TCGA 2000/2010	8,63	9,19	8,14	9,15	8,69	8,80	9,59	9,92	5,41	6,68	10,62	10,76
Outras Religiões Cristãs	2000	1.556.256	1.456.168	90.484	76.634	341.399	314.236	831.951	789.734	189.834	179.414	102.588	96.150
	2010	3.086.456	2.905.971	187.946	154.092	688.197	630.653	1.671.395	1.611.538	329.961	313.683	208.958	196.005
	TCGA 2000/2010	7,09	7,15	7,58	7,23	7,26	7,21	7,23	7,39	5,68	5,75	7,37	7,38
Espírita e Espiritualista	2000	2.337.451	2.277.687	51.657	49.638	274.953	269.610	1.472.308	1.439.220	300.304	289.996	238.229	229.223
	2010	3.976.487	3.899.126	82.915	79.437	454.890	444.905	2.529.249	2.491.029	569.116	554.124	340.317	329.631
	TCGA 2000/2010	5,46	5,52	4,85	4,81	5,16	5,14	5,56	5,64	6,60	6,69	3,63	3,70
Umbanda e Afrobrasileiras	2000	542.100	514.825	9.173	7.726	51.604	46.619	323.629	315.062	133.615	129.057	24.080	16.360
	2010	651.879	594.803	42.506	12.832	90.490	83.807	314.274	306.592	180.217	174.444	24.391	17.128
	TCGA 2000/2010	1,86	1,45	16,57	5,20	5,78	6,04	-0,29	-0,27	3,04	3,06	0,13	0,46
OUTRAS RELIGIÕES	2000	507.033	489.232	14.928	14.042	31.939	30.427	376.355	364.736	57.672	54.845	26.140	25.182
	2010	579.683	562.810	19.778	18.661	41.100	38.493	413.310	404.501	76.777	74.246	28.719	26.910
	TCGA 2000/2010	1,35	1,41	2,85	2,88	2,55	2,38	0,94	1,04	2,90	3,07	0,95	0,67
Sem Religião	2000	13.225.005	11.510.556	908.999	648.076	3.809.417	2.926.387	6.461.002	6.081.846	1.075.177	983.199	970.410	871.048
	2010	16.205.668	14.531.162	1.295.896	996.622	4.567.957	3.734.352	7.664.259	7.334.187	1.417.151	1.327.590	1.260.405	1.138.410
	TCGA 2000/2010	2,05	2,36	3,61	4,40	1,83	2,47	1,72	1,89	2,80	3,05	2,65	2,71

Fonte: Censos Demográficos (Laboratório de Estudos Territoriais (Leste - IGC/UFMG))

Uma primeira análise mais pormenorizada requer destacar o catolicismo nesses dois censos. Se discriminadas por localização espacial nas metrópoles e fora das metrópoles verifica-se que as igrejas católicas:

- Ganham 8,5 milhões de adeptos entre 2000 e 2010 nas áreas metropolitanas;
- Perderam 9,65 milhões fora das áreas metropolitanas;
- Os ganhos foram mais relevantes nas áreas urbanas (7,45 milhões) das metrópoles;
- Os católicos mais se expandiram nas áreas urbanas das metrópoles do Nordeste (3,76 mi); Sul (2,62 mi) e Norte (1,40 mi);
- Os dados mostram perdas generalizadas nas áreas metropolitanas do Sudeste.
- Entre os municípios não metropolitanos, as perdas foram muito mais notáveis especialmente nas regiões Nordeste (4,44 mi) e Sul (2,16 mi).

Já as igrejas evangélicas não perderam adeptos. Expandiram-se sobretudo nas metrópoles (10,21 milhões) porquanto nas áreas não metropolitanas conquistaram pouco mais da metade desse total (5,40 milhões). A penetração dos evangélicos nas áreas rurais foi bem mais acanhada. Os dados mostram que a expansão dos evangélicos ocorre sobretudo nas áreas urbanas das metrópoles das regiões Sudeste (4,33 mi), Nordeste (2,35 mi) e Norte (1,08 mi). Nas áreas rurais dessas metrópoles a expansão foi modesta sendo até negativa no

Sudeste. Fora das metrópoles os evangélicos cresceram principalmente no Sudeste (3,19 mi) e Nordeste (1,36 mi). Na região Sul houve diminuição de fiéis nas áreas rurais.

Os espíritas, por outro lado, se expandiram principalmente nas áreas urbanas dos municípios metropolitanos (1,3 milhões), já que nos municípios não metropolitanos a expansão foi modesta, perto de 336 mil simpatizantes. Em termos regionais esses números foram mais expressivos principalmente no Sudeste (779 mil).

**Tabela 2 – Perdas e ganhos (em milhões) segundo status religioso dos residentes em áreas metropolitanas e não-metropolitanas do Brasil e regiões segundo situação domiciliar em 2000 e 2010**

Brasil e Regiões	Situação Domiciliar	CATÓLICAS		EVANGÉLICAS		ESPÍRITA E ESPIRITUALISTA		SEM RELIGIÃO	
		Metrópoles	Não-metrópoles	Metrópoles	Não-metrópoles	Metrópoles	Não-metrópoles	Metrópoles	Não-metrópoles
		2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000
Brasil	Total	8,50	-9,65	10,48	6,24	1,30	0,34	2,31	0,67
	Urbano	7,45	-5,39	10,21	5,40	1,30	0,32	2,27	0,75
	Rural	1,05	-4,26	0,27	0,83	0,01	0,01	0,04	-0,08
Norte	Total	1,50	-1,03	1,14	0,86	0,02	0,01	0,20	0,19
	Urbano	1,40	-0,87	1,08	0,61	0,02	0,01	0,19	0,16
	Rural	0,10	-0,16	0,06	0,24	0,00	0,00	0,01	0,03
Nordeste	Total	4,71	-4,44	2,50	1,36	0,16	0,02	0,82	-0,06
	Urbano	3,76	-2,45	2,35	1,00	0,16	0,01	0,74	0,07
	Rural	0,95	-1,99	0,15	0,36	0,00	0,00	0,08	-0,13
Sudeste	Total	-1,59	-0,50	4,26	3,19	0,78	0,28	0,64	0,56
	Urbano	-1,16	0,38	4,33	2,99	0,78	0,27	0,71	0,54
	Rural	-0,43	-0,88	-0,07	0,19	0,00	0,01	-0,07	0,02
Sul	Total	2,99	-3,16	1,56	0,22	0,26	0,01	0,44	-0,10
	Urbano	2,62	-2,09	1,47	0,26	0,25	0,01	0,44	-0,09
	Rural	0,37	-1,07	0,09	-0,04	0,00	0,00	0,01	-0,01
Centro-Oeste	Total	0,89	-0,53	1,02	0,62	0,08	0,02	0,20	0,09
	Urbano	0,83	-0,36	0,98	0,54	0,08	0,02	0,19	0,07
	Rural	0,06	-0,17	0,03	0,08	0,00	0,00	0,01	0,01

Fonte: Censos Demográficos (Laboratório de Estudos Territoriais - Leste/IGC-UFGM)

Tendo em vista as tendências dos números examinados, que mostram a preferência pelas áreas urbanas das principais religiões, também os “sem religião” cresceram principalmente nas áreas metropolitanas (2,31 milhões), notadamente no Nordeste, bem mais que no Sudeste. Declinaram, entretanto, nas áreas rurais de municípios não metropolitanos de várias regiões do Brasil, como nas regiões Sul e Nordeste.

Uma segunda análise que merece atenção refere-se à associação entre a expansão das igrejas e templos e a condição econômica dos novos adeptos. Afinal essa expansão se faz com base nas áreas mais pobres, e estaria sugerindo um entorpecimento dos pobres na linha do “ópio do povo”?

As igrejas católicas, por causa de sua longa história missionária no Brasil e de sua proximidade com grupos de poder econômico e político, ostentam “naturalmente” uma

feição "elitista". Concentra muitos seguidores de alta renda. De fato, os dados do censo de 2010 corroboram essa tendência conforme mostra a Tabela 3. O catolicismo perdeu 6,3 milhões de fiéis entre a população com remuneração inferior a renda mediana, mas ganhou 4,5 milhões entre os mais ricos, principalmente no Nordeste urbano. As perdas foram mais pronunciadas no interior da população residente no Sudeste urbano e rural entre os com renda familiar inferior a mediana, assim como nas áreas rurais do Nordeste e do Sul.

**Tabela 3 – Incrementos ou decrementos da população (em milhões) por status religioso entre 2000 e 2010, segundo situação domiciliar, Grandes Regiões e renda familiar acima ou abaixo da renda mediana (RM).**

Brasil e Regiões	Situação Domiciliar	CATÓLICAS		EVANGÉLICAS		ESPÍRITA E ESPIRITUALISTA		SEM RELIGIÃO	
		Acima da RM	Abaixo da RM	Acima da RM	Abaixo da RM	Acima da RM	Acima da RM	Abaixo da RM	Não-metrópole
		2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000	2010-2000
Brasil	Total	4,50	-6,30	7,33	9,17	1,13	0,50	1,66	1,04
	Urbano	3,84	-2,09	7,01	8,54	1,12	0,50	1,61	1,27
	Rural	0,66	-4,20	0,32	0,63	0,01	0,01	0,05	-0,23
Norte	Total	0,47	-0,13	0,87	1,05	0,03	0,01	0,17	0,16
	Urbano	0,47	0,04	0,82	0,87	0,02	0,01	0,17	0,17
	Rural	0,00	-0,17	0,04	0,19	0,00	0,00	0,00	-0,01
Nordeste	Total	2,07	-1,95	1,73	2,11	0,14	0,04	0,50	0,22
	Urbano	1,52	-0,29	1,58	1,76	0,13	0,04	0,45	0,33
	Rural	0,55	-1,66	0,15	0,35	0,00	0,00	0,05	-0,12
Sudeste	Total	0,47	-2,74	3,17	4,22	0,71	0,34	0,65	0,44
	Urbano	0,50	-1,43	3,13	4,16	0,71	0,34	0,66	0,52
	Rural	-0,04	-1,31	0,04	0,07	0,00	0,00	-0,01	-0,08
Sul	Total	0,73	-1,00	0,76	1,00	0,17	0,10	0,18	0,15
	Urbano	0,63	-0,17	0,71	1,01	0,17	0,09	0,17	0,16
	Rural	0,10	-0,83	0,05	-0,02	0,00	0,00	0,00	-0,01
Centro-Oeste	Total	0,76	-0,47	0,81	0,79	0,08	0,02	0,17	0,08
	Urbano	0,70	-0,25	0,77	0,74	0,08	0,02	0,16	0,09
	Rural	0,06	-0,22	0,03	0,05	0,00	0,00	0,01	-0,02

Fonte: Censos Demográficos (Laboratório de Estudos Territoriais - Leste/IGC-UFMG)

Já as evangélicas, no mesmo período 2000/2010, ganharam adeptos principalmente entre as famílias de renda inferior à mediana que residiam em áreas urbanas (8,54 milhões de crentes), porquanto os ganhos nas áreas rurais foram bem menores (os evangélicos perderam fiéis apenas nas áreas rurais da região Sul). Quase sete milhões desses novos adeptos distribuíam-se pelas áreas urbanas do Sudeste (4,16 mi), Nordeste (1,76 mi) e Sul (1,01 mi).

Os dados deixam evidente que os “sem religião” também cresceram mais entre as famílias com ganhos mensais superior à mediana (1,66 milhões), embora entre os de menor renda o incremento no período tenha sido também significativo (1,04 milhões). Contudo, decresceram nas áreas rurais de todas as regiões entre as famílias de menor renda, e no Sudeste rural entre os com renda acima e abaixo da mediana. Se a presença mais numerosa de “não religiosos” pudesse sinalizar para um incremento da laicização em determinados

espaços do Brasil atual, as áreas urbanas das regiões Sudeste, Nordeste e Sul se destacariam, nessa ordem.

Uma última questão pode ser abordada com base nos dados censitários. Se a expansão das igrejas até hoje se faz a partir de “esforços missionário”, o que sugere a penetração de pregadores e propagadores da fé pelo interior do país o que nos dizem os dados sobre migração interna? Mesmo que não exista uma conexão direta entre a expansão de migrantes que professem alguma religião com o aumento dos propagadores de credos religiosos, alguma inferência pode ser feita na direção de uma possível interiorização das religiões no Brasil atual. Dados não mostrados nesse breve artigo permitem arrolar as seguintes conclusões:

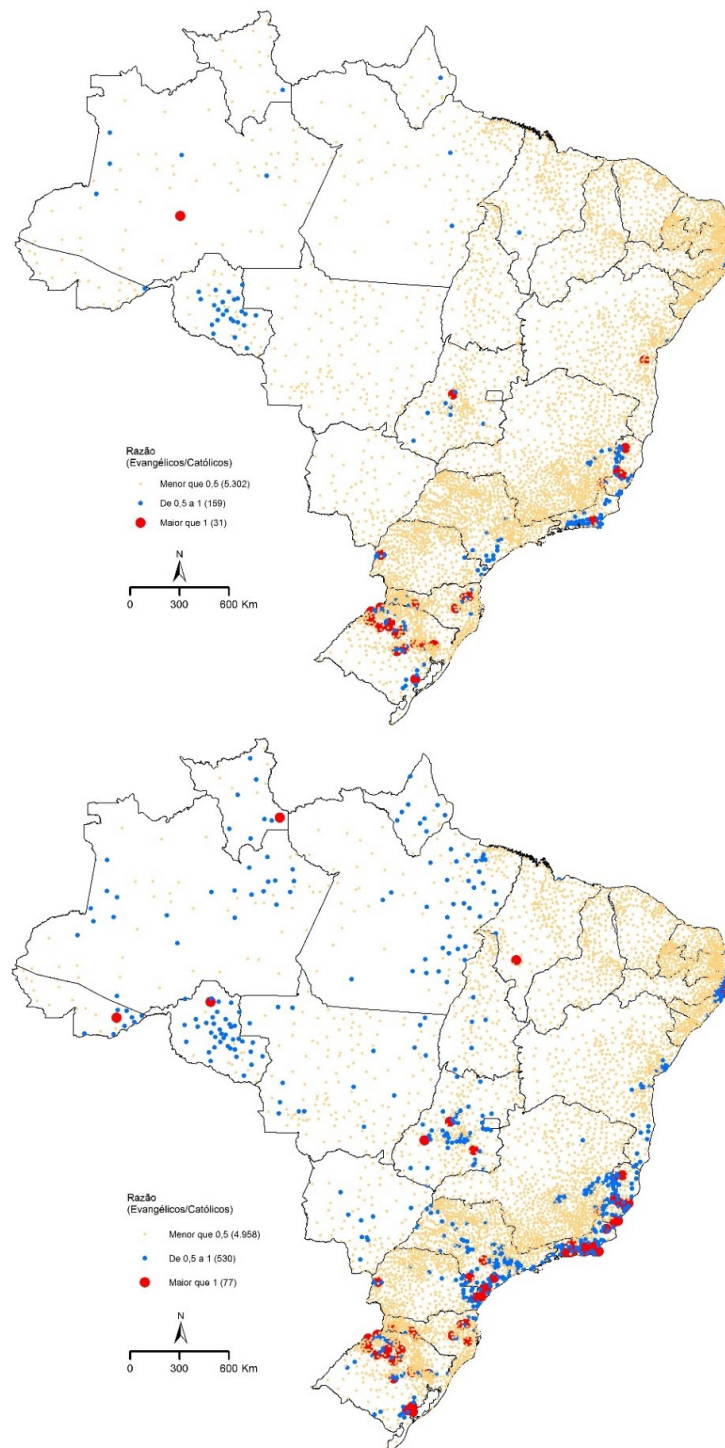
- 1) houve redução generalizada da presença de migrantes católicos em todas as regiões brasileiras. Na verdade, os católicos são muito numerosos, sobretudo no interior da população não-migrante residente em áreas urbanas do Sudeste e Nordeste;
- 2) já entre as igrejas evangélicas, a despeito de terem se expandido mais entre os não-migrantes em todas as regiões do país (notadamente nas áreas urbanas), também exibem incrementos positivos entre os migrantes de data fixa do período 2005/2010 (principalmente no Sudeste (6,68 milhões) e Nordeste (3,38 mi));
- 3) quanto aos “não religiosos” os dados indicam que aumentaram principalmente entre os não-migrantes que residem em áreas urbanas, já que entre os migrantes os números são positivos, mas muito reduzidos. Acrescente-se que entre os não-migrantes residentes em áreas rurais as perdas foram significativas apenas nas regiões Sudeste e Nordeste.

Por último, conviria examinar a distribuição de evangélicos e católicos no Brasil dos últimos censos. Isso pode ser feito por meio de uma razão entre o número de evangélicos sobre católicos (Figura 1). Resultados acima de 1 indicam lugares onde a supremacia dos evangélicos é mais evidente. No outro extremo, resultados abaixo de 0,5 indicam que os católicos são pelo menos duas vezes mais numerosos.

A expansão dos evangélicos em 10 anos fica bastante notável na comparação dos dois mapas e as conclusões mais evidentes são as seguintes: i) cresceram principalmente nas proximidades do litoral dos estados do Sul e Sudeste (77 casos em 2010 contra 31 em 2000). No Rio de Janeiro e Espírito Santo isso essa evidência é muito notável; ii) outros 530 municípios da franja litorânea desses mesmos estados se destacam de forma impressionante na comparação com os dados de 2000; iii) A grande maioria dos municípios brasileiros, entretanto, possuem uma nítida supremacia dos católicos. A despeito da redução de predominância católica entre 2000 e 2010 (de 5.302 municípios em 2000 para

4.958 casos em 2010), são principalmente as localidades situadas no grande interior do país, notadamente na região Nordeste, as que mantêm a força do catolicismo no Brasil. A predominância dos católicos é difusa espacialmente, embora os evangélicos já sejam mais numerosos em áreas estratégicas do Brasil meridional, a maioria delas com características urbanas.

**Figura 1. Razão evangélicos sobre católicos nos municípios brasileiros em 2000 e 2010**



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010 (microdados).



### 3 - Considerações finais

A análise da população segundo status religioso envolve inúmeros aspectos que escapam a uma análise tão preliminar, baseada tão somente em dados censitários, sem discutir grandes questões trazidas por pensadores como Durkheim ou Max Weber. Mesmo no Brasil, a declaração da população recenseada pode se revestir de elementos subjetivos que dificultam uma conclusão mais taxativa sobre a situação de cada uma das principais religiões no país. Afinal, há milhões de pessoas que se dizem católicas, mas não têm a menor noção de como evolui o catolicismo, quais são suas tendências, correntes e diferenciações em termos de interpretação do evangelho.

De toda a maneira esse artigo mostrou a magnitude dos ganhos e perdas das principais religiões entre 2000 e 2010, o que fez emergir a crescente relevância dos evangélicos, a despeito da disparidade de tamanho em relação aos que se dizem católicos. Essa disparidade pode ser pouco consistente, contudo, porque entre os evangélicos os praticantes são muito mais fervorosos do que os praticantes do catolicismo.

Vimos também que a força do catolicismo se mostra mais permanente entre os grupos de maior renda, especialmente em áreas urbanas, a despeito da perda de fiéis entre 2000 e 2010. A expansão de evangélicos entre a população de baixa renda guarda alguma associação com a ideia de entorpecimento dos pobres, como preceituava Marx, e torna-se algo lamentável sobretudo dada a condição de renda familiar que os pobres detém, vis-à-vis a maior eficácia na cobrança dos dízimos no interior das seitas evangélicas. Os frequentes exemplos de ostentação de riqueza entre pastores evangélicos como a mídia já mostram tantas vezes é um corolário dessa situação.

E o catolicismo? Diante do quadro acima descrito, ele vive uma crise derivada do avanço dos evangélicos em redutos que classicamente eram de predominância católica?

Os mapas trazem indicações preocupantes para as hostes do cristianismo católico, porquanto extensas áreas municipais do Sul e Sudeste têm sido ocupadas por imaginários sociais associados a alguma das tantas igrejas evangélicas. O catolicismo estaria fadado a se contentar com o interior e os fundões do país? Estaria perdendo as periferias urbanas para os evangélicos? Periferias de um estado tão populoso e relevante quanto o Rio de Janeiro, como mostram nossos mapas? A expansão da bancada evangélica no Congresso e a própria existência de um prefeito evangélico no Rio de Janeiro seriam sintomas desse recuo do catolicismo? Os mapas e os dados aqui examinados dão guarita a perguntas desse tipo. Como explicar mais profundamente essas indicações?

É provável que a profusão de seitas evangélicas e a maior facilidade na formação de um pastor de igreja sejam atrativos não desprezíveis que ajudem a explicar as mudanças aqui detectadas. Afinal a formação de um padre tradicionalmente exige muito mais investimento teológico e muitos anos de estudo. De outra parte, muitos templos são bem mais modestos que os do catolicismo e, a bem da verdade, há igrejas “para todos os gostos”, e os pastores sabem falar a língua do povo e atingir a sensibilidade popular, como poucos clérigos do catolicismo. Todavia, não convém diminuir a importância dos atrativos financeiros e materiais. Afinal, entre os evangélicos há uma expectativa fluida de formas de ascensão social derivadas da proximidade de clérigos e fiéis dos negócios da igreja.

Destarte, a elitização do catolicismo é fenômeno pesquisado mesmo entre os clérigos mais estudiosos do cristianismo. Alguns analistas mais críticos apontam o abandono da teologia da libertação desde o Papa Paulo VI, ainda nos anos de 1970, a principal causa do crescente afastamento do catolicismo da ação pastoral junto aos imensos cinturões de pobreza em periferias urbanas do Brasil contemporâneo.

Enfim as causalidades são complexas e diversas. Estudos para responder mais profundamente a tais questionamentos exigem muito mais informações, aprofundamento empírico e aferição em campo junto aos que professam o cristianismo de forma mais ou menos intensa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. E.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L. F. CARVALHO, A. A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*. v. 29, n. 2, 2017. p. 215-242.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1912].

FIBGE, CENSOS DEMOGRÁFICOS DE 2000 E 2010

JORNAL Folha de S.Paulo, edição de 27/01/2013.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2005, p. 146-147.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1904-1905].